

Entusiasmo (Belas-artes)

Todos os artistas de algum gênio asseguram sentir por vezes uma extraordinária eficácia da alma, na qual o trabalho é facilitado de uma maneira incomum; as representações se desenvolvem sem grande esforço, e os melhores pensamentos afluem em tal abundância, que é como se fossem inspirados por uma força superior. Isso, sem dúvida, é o que se chama *entusiasmo*. Se o artista se encontra nesse estado, o seu objeto lhe aparece numa luz incomum; o seu gênio, guiado por uma força divina, descobre sem esforço e chega sem trabalho a exprimir da melhor maneira aquilo que inventou; os pensamentos mais certos afluem ao poeta entusiasmado sem que os busque; o orador julga com a maior profundidade, sente com a mais alta vivacidade, e em sua língua se colocam as palavras para a expressão mais forte e viva. O pintor entusiasmado descobre a imagem que procurava pintada diante de sua frente, e em sua maior força basta que a redesenhe; sua mão mesma parece guiada por uma arte extraordinária, e a cada movimento dos dedos a obra ganha um novo grau de vida.

Como se deve entender fenômeno tão insólito, que é de grande importância para o filósofo em sua origem e para o artista em seu efeito? De onde vem essa extraordinária eficácia da alma, e como pode ter efeitos tão afortunados? Essa elevada eficácia se mostra nas faculdades volitivas ou nas faculdades representativas da alma, com particular êxito em cada uma delas. Naquelas, por arrebatamentos piedosos, políticos, afetuosos ou voluptuosos; nestas, por elevadas capacidades do gênio, pela riqueza, profundidade, força e brilho das representações e pensamentos. O entu-

siasmo, portanto, é de dupla espécie: uma delas atua principalmente sobre a sensação, a outra sobre a representação.

Ambas têm origem na viva impressão que um objeto de particular força estética provoca na alma. Se esse objeto é confuso, de modo que a força representativa pouco possa desenvolver nele; se o sentimento de seu efeito é mais vivo que o conhecimento daquela espécie de qualidade de que são dotados os objetos das paixões mais comuns, então toda a atenção está voltada para a sensação, a força inteira da alma se unifica no sentimento mais vivo. Mas se o objeto que provoca a forte impressão se mostra numa figura clara que o espírito pode abranger com a vista em suas diversas partes, a força de representação é estimulada junto com a sensação, e direcionada com força para o objeto; entendimento e imaginação se empenham para apreendê-lo completamente, e com a maior distinção e vivacidade. No primeiro caso surge o entusiasmo do coração; no outro, o entusiasmo do gênio. Ambos merecem ser considerados mais circunstanciadamente em sua natureza e em seus efeitos.

O entusiasmo do coração, ou eficácia exaltada da alma, que se exterioriza sobretudo em sensações, é despertada por objetos importantes, em que nada vemos distintamente, em que a força representativa não encontra nada que fazer, em que a atenção é retirada do próprio objeto e dirigida para aquilo que a alma sente, para o seu próprio esforço^(*). Quando isso ocorre, o espírito perde o objeto de vista e sente tanto mais vivamente o seu efeito. Nesse momento, a alma se torna inteiramente sentimento; não vê mais nada fora de si, mas tudo em si mesma. Todas as representações das coisas que estão fora dela se obscurecem; ela cai num sonho que obsta em grande medida os efeitos do entendimento, mas tor-

(*) Sobre isso se pode consultar o verbete sensação. Essa matéria, no entanto, foi tratada mais pormenorizadamente num artigo publicado nas *Mémoires* da Academia Real de Ciências da Prússia para o ano de 1764, com o título: *Observations sur les divers états, où l'âme se trouve en exerçant ses facultés primitives, celle d'appercevoir et celle de sentir.*

na a sensação tanto mais viva. Nesse estado, ela é não é capaz nem de reflexão exata, nem de juízo correto; as inclinações, porém, se manifestam tanto mais livre e vivamente, e todos os móveis das forças volitivas se desenvolvem tanto mais desembaraçadamente.

Uma vez que a força representativa já não é capaz de diferenciar o que existe realmente do que é meramente imaginado, o meramente possível aparece como real; mesmo o impossível se torna possível; o nexos das coisas já não é avaliado pelo juízo, mas pela sensação; o ausente se torna presente, e o futuro já é real agora. Aquilo que alguma vez foi posto na alma com alguma relação com a sensação atual, ressurgiu de novo agora.

Nessa espécie de entusiasmo não há nada de claro na alma além da sensação, e tudo o que tem alguma referência próxima ou distante dela. Daí provém a facilidade incomum de exprimir o que está contido na sensação; a vivacidade e força da expressão; a doce tagarelice nos afetos ternos; a expressão selvagem, espantosa ou comovente nas paixões violentas; a grande diversidade de imagens agradáveis ou fortes; as múltiplas nuances da sensação; as conexões raras e oníricas dos objetos; o tom tão exatamente adequado a cada sensação, e tudo o mais que se revela nessa espécie de entusiasmo.

Poetas que querem expressar suas sensações nesse estado pegam a lira e cantam hinos, odes ou elegias. Em lugar algum vemos todos esses efeitos mais vivamente do que nas odes e elegias dos profetas do povo judeu.

Esse estado tem diferentes graus e muitas nuances, tanto segundo a força e tipo de sensação, quanto segundo o tipo de ânimo da pessoa que sente. Por vezes, essa sensação se mostra com a força de um fogo furioso ou de um rio que tudo arrasta; o poeta se sente ar-

rastado por um poder mais alto, como quando Horácio exclama:

*Quo me Bacche rapis tui
Plenum? – – (*)*

(*) “Para onde estás me levando, ó Baco?”, Horácio, *Odes*, 3, 25.

Nesse entusiasmo ele também nos arrasta violentamente consigo, nos provoca espanto, terror ou animada alegria. Outras vezes, é um fogo brando, que faz toda a alma desaguar em volúpia ou ternura. Então as palavras fluem como uma corrente suave, mas em abundância de pensamentos e representações. Daí provêm as odes ou elegias de gênero mais suave, que encham o leitor de ternura, de um contentamento mais leve ou de doce tristeza.

Se esse entusiasmo atingir uma alma em sua devida ordenação, detentora de um juízo sadio e de sensações bem ordenadas, também seus arroubos guardarão algo da marca de uma natureza bem ordenada; mas se atingir homens de menor entendimento e paixões desordenadas, seus efeitos não poderão ser outros senão insólitos e cheios de tolice.

Não é difícil determinar por meio de que objetos e em que circunstâncias surge essa espécie de entusiasmo. Conhecemos as ocasiões comuns que desencadeiam paixões fortes, alegria, tristeza, ternura, ambição. Se o objeto que desperta a paixão numa luz clara comove o ânimo já por si inclinado a essa paixão, surge repentinamente a alta eficácia, que é o fundamento do entusiasmo. Em almas excitáveis, que já tiveram certas sensações (não importando de que espécie) com frequência e em diferentes ocasiões, elas são despertadas novamente por vezes com grande vivacidade por uma causa aparentemente pequena. Quem já suspirou longamente sob a pressão da adversidade e a sentiu por muitos lados; quem esteve longo tempo mergulhado em tristeza por uma perda dolorosa;

quem por muito tempo nutriu em seu coração sentimentos de quaisquer espécie que sejam, este sente a sua plena erupção como uma tempestade súbita, assim que uma ocasião casual torne bem clara uma única das representações ali contida. Assim como uma única fagulha provoca rapidamente um grande incêndio, se as matérias já estejam previamente aquecidas, assim também a menor representação de certa vivacidade desperta subitamente uma porção de sensações contidas na alma. Desse modo, sensações de certa espécie são alimentadas também no peito dos poetas, o pleno entusiasmo desperta, assim que aparece em luz bem viva um objeto a elas ligado, não importante qual tenha sido o ensejo. Horácio vê seu amigo Virgílio subir num navio, e lhe deseja boa viagem. De repente lhe vem à mente o perigo de tal viagem: a ternura pelo amigo o aterroriza; ele amaldiçoa a invenção de tais viagens temerárias, e tudo aquilo que já pensara ou sentira sobre a temeridade dos homens desperta repentinamente nele. Assim surgiu o entusiasmo da conhecida ode a Virgílio(*). A outra espécie de entusiasmo manifesta fenômenos semelhantes na força representativa. Ela tem seu fundamento num forte estímulo, que rapidamente ataca essa força. Pode surgir da grandeza, da riqueza ou da beleza do objeto. Se age principalmente sobre o espírito e não apenas sobre a sensação, ele tem de propiciar um desenvolvimento distinto. A força representativa tem de divisar o diverso ali contido e ser por ele estimulada a ver tudo em maior clareza. Surge daí um esforço extraordinário de todas as forças e, se é permitido se exprimir assim, uma ampliada elasticidade da alma, que deseja agora ser grande o bastante para apreender plenamente tal objeto. O espírito reúne todas as suas forças, as retira de todos os outros objetos e se empenha apenas em ver

com distinção. Esse estado é descrito por um de nossos maiores filósofos com as seguintes palavras: *Psychologis patet in tali impetu totam quidem animam vires suas intendere; maxime tamen facultates inferiores, ita ut omnis quasi fundus animae surgat nonnihil altius et maius aliquid spirret, pronusque suppeditet, quorum oblit, quae non experti, quae praevidere non posse nobis ipsis, multo magis aliis, videbatur* (*).

Ninguém esquadrinhou suficientemente as profundezas da alma humana para esclarecer isso totalmente. Entretanto, o pouco que a observação disponibiliza a respeito merece ser ponderado com exatidão.

Da teoria das sensações se pode compreender como certos objetos despertam um desejo de apreendê-los e desenvolvê-los, e como a atenção é dirigida principalmente a eles por um esforço persistente. Sabemos também que não apenas a índole interna de uma coisa, mas também vantagens a ela contingentemente ligadas, como honra e fama, têm grande força para deter a atividade da alma totalmente em tais objetos.

Se o espírito recebeu tal direção determinada, apoiada por força constante, seu esforço não é apenas forte, mas também persistente. O objeto apreendido lhe paira incessantemente diante dos olhos; todas as outras representações são ponderadas apenas em referência a ele. Assim como o avaro nada mais percebe naquilo que lhe toca os sentidos a não ser o valor monetário, e o ávido de fama nada mais do que aquilo que adula a sua vaidade, o artista a quem um objeto estimulou fortemente não vê nada em toda a natureza a não ser em referência a ele; nada lhe escapa daquilo que é capaz de notar e apreender segundo seu gênio. Que ele veja o objeto de todos os lados e em todas as relações possíveis, é bastante natural. Assim como uma

(*) [J. G. Baumgarten] *Aesthetica*, §. 80. [É claro para os psicólogos que em tal ímpeto toda a alma estende realmente todas as suas forças, mas principalmente as faculdades inferiores, de modo que, por assim dizer, todo o fundo da alma se eleve ao mais alto e inspire algo de maior, fornecendo benevolmente coisas que considerávamos ter esquecido, não ter experimentado nem previsto, e muito mais pelos outros.]

(*) I, 3.

total indiferença para com uma coisa retira toda atenção a ela, de modo que até o mais manifesto nela permaneça sem ser notado, assim também, por outro lado, o olho é tão afiado pelo interesse, que se percebe mesmo o que é mais imperceptível.

Ora, é algo conhecido por experiência, embora bem difícil de esclarecer, que os pensamentos e representações, claros ou obscuros, surgidos por consideração detida de um objeto, se reúnem na alma, germinam imperceptivelmente ali como sementes de cereal em terreno fértil, se desenvolvem aos poucos e, por fim, vêm subitamente à luz em ocasião oportuna. Então vemos o objeto a que pertencem numa figura clara e bem desenvolvida diante de nós, ele que até agora pairava de modo confuso e obscuro como um fantasma informe diante de nossa cara. Esse é o momento próprio do entusiasmo.

Então vemos nosso objeto numa luz incomum; vemos nele coisas que jamais havíamos visto; aquilo que já faz muito tempo desejávamos ver, aparece agora sem esforço; somos inclinados a acreditar que um ser benfazejo de espécie mais alta aguçou nossos sentidos, ou colocou, de maneira sobrenatural, o objeto desejado diante de nossa imaginação.

Mas esse momento oportuno, como é produzido? como recebe o artista essa ajuda da musa?

– Welcher Macht des Gebets von unsträflichen Lippen,
Welchem sanften unschuldigen Zittern der Brust wird gegeben,
Daß die Himmlische ihn in stillen Nächten besuchet,
Oder bey einsamen Quellen verschwiegene Worte zu ihm haucht?(*)

Não queremos retirar do artista a feliz ilusão propiciada pela ajuda de uma força superior; entretanto, diremos ao ouvido do filósofo, que é menos crédulo, o seguinte.

Durante o esforço ininterrupto das forças representativas dirigido a um único objeto, e talvez também aproximadamente até no sonho, pode aflorar um pensamento incomumente claro a respeito dele. O grande desejo de ver o objeto já longamente almejado numa luz mais clara é subitamente estimulado da maneira mais viva; os nervos são agora tensionados; retira-se a atenção a todo outro objeto; todas as representações que não estejam ligadas à única que é interessante, caem na obscuridade. Mesmo a ação dos sentidos externos é tão enfraquecida, que, por isso, o espírito não tem nenhuma distração a temer. Tanto mais claro e vívido se torna então cada conceito que se refira ao objeto principal; agora todas as representações saem da obscuridade e, assim como no sonho noturno, quando toda distração cessa por completo, a imagem que em vigília víamos envolta em brumas escuras se encontra diante de nossos olhos na claridade do dia mais luminoso, assim também, no doce sonho do entusiasmo, o artista vê o objeto desejado perante sua vista; ouve os sons, quanto tudo está quieto, e sente o corpo, que tem realidade apenas em sua imaginação.

Daí se pode compreender de onde as elevadas faculdades da alma recebem sua força no estado de entusiasmo, e porque estas têm uma influência tão vantajosa sobre as obras do gosto; de onde vem que cada representação isolada ganha uma vida incomum; por que coisas ausentes aparecem como presentes, passadas ou futuras, como existindo agora. Mas se o artista tem representações tão vivas e tão perfeitas no entusiasmo, lhe será também fácil exprimi-las em conformidade com sua arte, seja mediante palavras, seja mediante desenho e cores, seja mediante meros sons.

Uma obra, ou parte dela, produzida em entusiasmo, está impregnada

(*)[“A que poder da prece de lábios inculpáveis,/ A que suave e inocente tremor do peito é dado/ Que a celestial o visite em noites calmas/ Ou que palavras silenciosas lhe sussurem em fontes solitárias?” Versos do poema *Die Noachide*, de Johann Jakob Bodmer.]

de vestígios distintos da grande vivacidade e da esplêndida luz em que o artista viu seu objeto. Tudo parece fluir de uma rica fonte: cada palavra, cada traço é forte, e produz exatamente o que deve produzir. Observa-se que tudo foi fácil para o artista, que ele não buscou nada, mas viu cada coisa em seu lugar; que estava impaciente para expor fora de si um objeto que havia preenchido tão vivamente toda a sua alma.

Descobre-se que nada foi medido com cautela, nada se junta ao que está próximo por meio de ligações rebuscadas. Tudo segue no devido ritmo, somos arrastados ao fogo que queima na alma do artista, ou postos no suave encanto que o levou para fora de si mesmo.

O artista ao qual não falta entendimento e gênio pode estar seguro do bom andamento de sua obra, tão logo é posto em entusiasmo; pois então não tem mais nada com que se preocupar; ele pode se entregar apenas à sua sensação. Tudo o que tem de exprimir está distintamente diante dele em sua fantasia. Sem deliberação ou reflexão, sua alma ordena cada parte da melhor maneira, configura-a o mais vivamente. Sua pena ou pincel, sua mão ou sua boca, não são rápidas o bastante para expor o que lhe é oferecido. Certa vez, alguém observou Michelangelo trabalhando numa imagem em mármore. No olhar do artista havia algo de selvagem, em seu punho forte o martelo batia com violência sobre o cinzel, e as peças de mármore cortadas voavam longe pelos ares. Era de pensar que todo o bloco fosse se espedaçar a cada golpe (*). O grande artista se encontrava então em entusiasmo. Via a imagem que queria expor já no bloco de mármore; impaciente de fazê-la surgir, lançava ousadamente fora as partes supérfluas, e estava seguro que não desperdiçaria nada da imagem que via. Todo artista a quem

o entusiasmo pintou uma imagem na fantasia é assim impetuoso e seguro.

O fundamento de todo entusiasmo está contido num forte estímulo do objeto, que reúne em si toda a força da atenção. Por isso, para tal é necessário sempre duas coisas: um objeto ao qual não falte excitação e, da parte do artista, uma alma sensível, excitável. Um objeto repugnante, magro, escaldado, apaga o fogo do gênio; mas também o objeto mais esplêndido quase não é capaz de aquecer uma alma preguiçosa. O primeiro ensejo para o entusiasmo depende, pois, da escolha de uma grande matéria ou de uma matéria excitante; a primeira é uma dádiva da natureza, que pode ser fortalecida por exercício.

Nenhum ensinamento e exercício podem substituir a total falta de sentimento mais fino, para o belo da imaginação, para a perfeição do entendimento, para a grandeza moral. Aquele que ao contemplar o Apolo do Belvedere não sente mais do que com as imagens com as quais artistas recentes se esforçam em vão para adornar os jardins dos grandes; aquele para quem um Cláudio é mais apreciável do que Trajano, tem de se abster de todas as belas-artes; pois jamais será entusiasmado pelo fogo celeste da musa. Se, no entanto, tem uma alma mais fina, capaz de sentir o belo e o grandioso, ele tem de fortalecer essa dádiva da natureza por meio de exercício assíduo. Faz parte de nosso propósito proporcionar aos artistas todos os meios por nós conhecidos para isso. A maior parte deles foi apresentada no verbete gosto. Pois justamente os meios que fortalecem e ampliam o gosto inato elevam a capacidade de sentir da alma.

Visto que no entusiasmo toda a força da atenção está expressamente voltada para um único objeto, enquanto todas as outras representações simultaneamente presentes da alma

(*) Essa anedota se encontra num artista famoso pelas cartas, publicadas há poucos anos na Itália e, se não me engano, na terceira parte da coletânea.

caem em obscurecimento, a destreza de restringir sua atenção totalmente a um único objeto é primeiramente também um meio para o entusiasmo. Obtemos, porém, essa destreza por meio de reflexão aguda e assídua. Sabe-se pelo famoso exemplo de Arquimedes, a quem se poderia acrescentar diversos outros de matemáticos modernos, que uma reflexão aguda sobre verdades abstratas prende tanto a atenção, que mesmo os abalos mais fortes dos sentidos externos se tornam imperceptíveis. Aquele, portanto, que se exercitou assiduamente em refletir com agudeza, obtém essa destreza de prender sua atenção, e será colocado tanto mais facilmente em entusiasmo quando for o caso.

A rigorosa atenção é com frequência facilitada pelo tranquilo silêncio à meia noite ou pela solidão. Por isso, descobrimos frequentemente que tais circunstâncias externas favorecem bastante o entusiasmo.

A esses meios essenciais e gerais do entusiasmo vêm se juntar ainda alguns meios particulares, em parte contingentes: o quanto o temperamento do artista contribui para ele, pode ser depreendido de observações comuns sobre os arroubos de indivíduos melancólicos, sobre a fúria daqueles cujo sangue entra em excessiva agitação por violentos ataques de febre. Semelhante efeito é provocado por excitação ou impedimento extraordinário do sangue: o vinho, as diversões sociais, o amor, a ira ou outras paixões dão o fundamento para o entusiasmo. Este pode ser produzido em geral por tudo o que nos coloca em sensações tão fortes, que os nervos do corpo se abalam de uma maneira perceptível, porque nesses casos toda a alma é tomada unicamente pelo objeto de nossa representação.

A atenção precisa a nós mesmos nos faz notar que toda causa que impele o sangue a uma circulação mais

viva, aumenta a atuação de novas forças psíquicas. Tornamo-nos mais engenhosos, vivos, perspicazes, sensíveis, se o sangue é algo impelido por andarmos a cavalo ou caminharmos, ou quando experimentamos o mesmo efeito por moderada abundância de bebidas fortes. Daí provém, sem dúvida, que, ao discursarmos, depois de nos esquentarmos um pouco, tornamo-nos mais loquazes do que de início. A música, mesmo quando é apenas harmoniosa, pode colocar pessoas de nervos sensíveis numa paixão incomum e realmente entusiasmá-las.

E por aí se deixa explicar por que de causas inteiramente opostas como o silêncio extraordinário e um grande fragor solene podem surgir efeitos iguais no que diz respeito ao entusiasmo. Ao eliminar tudo aquilo que poderia distraí-la, aquele convida a alma para a atenção a um único objeto; este a impele com trancos violentos para esse único objeto, fazendo desaparecer todas as demais representações.

Por fim, também a nobre ambição, o prazer de atrair a atenção de todos os homens para si, o amor à pátria, um vivo sentimento de justiça são bons meios para o entusiasmo. Se forças motrizes tão fortes chegam a um gênio afortunado e a um entendimento saturado pela razão sadia, a uma imaginação bem ordenada, então surgem os frutos mais esplêndidos do entusiasmo, que são admirados nas obras dos maiores artistas.

